

# **CÉREBRO, HEMISFÉRIOS CEREBRAIS, GENES, CROMOSSOMOS: A BIOLOGIA ENSINANDO MODOS DE SER HOMEM E MULHER**

## **BRAIN, BRAIN HEMISPHERES, GENES, CROMOSSOMES: BIOLOGY TEACHING THE WAYS HOW TO BE MAN AND WOMAN**

**Msn. Joanalira Corpes Magalhães<sup>1</sup>  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), joaninha@ceamecim.furg.br

<sup>2</sup> Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e UFRGS, pribeiro@vetorial.net

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar a rede de discursos presente em revistas nacionais especializadas (na área das neurociências) e num programa de TV, as quais vêm produzindo significados e diferenças sobre as questões de gênero. Este estudo se fundamenta em posicionamentos que utilizam o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica produzida sobre as características biológicas. Os artigos analisados vêm trazendo em seus discursos as diferenças entre os sexos relacionadas às questões cerebrais, genéticas e evolutivas, que justificariam as distinções/diferenciações de comportamento, aptidão, habilidades e padrões cognitivos entre mulheres e homens. Esses estudos vêm ganhando destaque em programas da televisão brasileira, onde seus resultados são colocados como “verdades absolutas”. Essas instâncias, revistas de divulgação científica e mídia, vêm realizando uma pedagogia, fazendo um investimento reinteirando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas.

**Palavras-chave:** gênero, neurociência, pedagogias culturais.

### **Abstract**

This study aims to analyze the net of speeches present in the national magazines specialized (in the area of neuroscience) and in a TV program, which have produced meanings and differences about the issues of gender. This study is based on the grounding which take into account the concept of gender as a socio-historical construction produced about the biological characteristics. The articles analyzed have brought in their discourses the differences between the sexes connected with brain, genetic or evolutionary, issues, which could justify the distinction / differentiation of behavior, aptitude, skills and cognitive standards between men and women. These studies have become increasingly popular on Brazilian TV, where their results are taken as “absolute truths”. These instances, scientific magazines and media, have been carrying out a pedagogy, investing in reinforcing identities and hegemonic identities as it subordinates, denies or refuses to accept other identities and practices.

**Keywords:** gender, neuroscience, cultural pedagogies.

## INTRODUÇÃO

Desde a mais tenra idade aprendemos a ser homem e a ser mulher, através de múltiplos processos, estratégias e práticas culturais estabelecidas, primeiramente, pela família, e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, mídia, religião, entre outras. As diferentes instituições, os discursos, os códigos, os símbolos, as práticas educativas, as leis e as políticas de uma sociedade são espaços “generificados”<sup>1</sup>, constituídos e atravessados pelas representações de gênero e, ao mesmo tempo, produzem, expressam e/ou (re)significam as referidas representações (LOURO, 2004; SCOTT, 1995).

Em nossas pesquisas, temos discutido como determinados campos de saber – biologia, medicina, neurociências, psicologia – e pedagogias culturais – revistas, programas de TV, vídeos, propagandas, mídia, entres outros – vêm interpelando os sujeitos (re)afirmando as diferenças entre homens e mulheres. Nesse sentido, analisamos a rede de discursos presente em revistas nacionais especializadas (na área das neurociências) e num programa de TV, as quais vêm produzindo significados e diferenças sobre as questões de gênero.

Este estudo se fundamenta a partir dos campos teóricos dos Estudos Culturais<sup>2</sup> e de Gênero, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. Nessa perspectiva, gênero refere-se a um conceito, inicialmente, elaborado por feministas anglo-saxãs, a partir do início da década de 70, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (SCOTT, 1995). A utilização dessa expressão tinha como proposta negar o determinismo<sup>3</sup> biológico presente no termo sexo. Segundo Silva (2004), gênero opõe-se a sexo, enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo gênero se refere aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual. As feministas buscaram demonstrar que a feminilidade e a masculinidade não são constituídas propriamente pelas características biológicas, mas, sim, por tudo que se diz ou se representa a respeito destas características (LOURO, 2001).

Por esse viés, entendemos os gêneros como construções sócio-históricas produzidas sobre as características biológicas (LOURO, 2000), produto e efeito de relações de poder<sup>4</sup>, incluindo os processos que produzem, distinguem e separam os corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003). Contudo, cabe destacar que ao enfatizarmos o caráter construído dos gêneros não estamos negando a materialidade biológica dos corpos, mas sim buscamos problematizar as representações que se apóiam nas características biológicas para justificar diferenças, desigualdades e posicionamentos sociais.

Da mesma forma que o conceito de gênero amplia sua concepção para além do caráter estritamente biológico, enfatizando seu caráter cultural, o conceito de pedagogia cultural também procura ampliar a noção de educação para além da escolar. Nesse sentido, a educação é entendida como uma prática social constituidora das identidades dos sujeitos. O termo pedagogia cultural supõe que a educação ocorra

numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se

---

<sup>1</sup> Generificado, nesse contexto, significa atravessado por representações de gênero (LOURO, 2001).

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade, que têm sua origem a partir da fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964.

<sup>3</sup> Segundo Silva (2000, p. 39), determinismo é a “tendência a atribuir um peso e um grau exagerados à determinação que um certo fenômeno exerce sobre outro. Dependendo de qual fator se considera determinante, pode-se falar em determinismo biológico, determinismo econômico, determinismo tecnológico etc.”

<sup>4</sup> Utilizamos poder numa perspectiva foucaultiana, ou seja, como uma relação de ações sobre ações – algo que se exerce, que se efetua e funciona em rede. Nessa rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação e, conseqüentemente, de resistir a ele (FOUCAULT, 2006).

bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. (Steinberg, 2001, p.14).

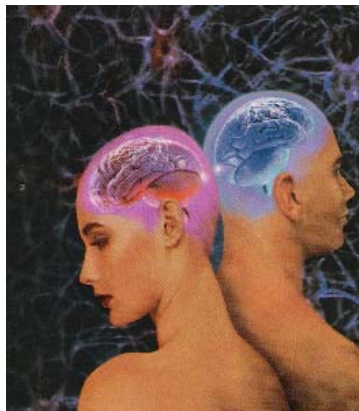
Nesse sentido, as pedagogias culturais que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam às instituições escolar e acadêmica e às práticas aí instituídas, mas estendem-se a diferentes práticas – as midiáticas, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. – que, ao produzirem e compartilharem determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades.

Dessa perspectiva, ao analisarmos tais pedagogias, como revista de divulgação científica e programas de TV, vamos procurar ver na rede de discursos como essas vão constituindo as identidades de gênero.

## **SOBRE AS PEDAGOGIAS CULTURAIS: REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PROGRAMA DE TV**

Utilizamos para este estudo a Revista Viver, Mente e Cérebro da Scientific American dos anos de 2005 e 2007 e o programa de TV Globo Repórter exibido no dia 28 de maio de 2007.

A edição de 2005 da Revista Viver, Mente e Cérebro é uma edição especial intitulada **“Diferenças entre os sexos muito além dos fatores culturais , a diversidade entre homens e mulheres é inata”** e que traz a imagem de um homem e de uma mulher com cérebro na cor azul e rosa, respectivamente (figura 1). Em um primeiro momento, se pode perceber as cores sendo utilizadas como marcadores de gênero e o caráter essencialista dos discursos.



**Figura 1: Imagem da capa da revista Viver Mente e Cérebro do ano de 2005.**

Os artigos que compõem esta edição são: “Velhos clichês, nova realidade” e “O poder feminino” de Ulrich Kraft; “Diferentes desde o nascimento” de Hartwig Hanser; “Questão de simetria” de Marcus Hausmann; “Os cinco sexos do cérebro” de Paola Emilia Cicerone.

A edição de 2007, intitulada **“A Trégua dos sexos bases neurais, cognitivas e hormonais determinam divergências e convergências entre homens e mulheres”**, também é uma edição especial que traz na sua capa a imagem do rosto de um homem e de uma mulher como se suas faces se complementassem, porém ainda marcados pelas cores azul e rosa (figura 2). Compõem esta edição os artigos: “O poder dos hormônios” de Doreen Kimura; “Coisas de mulher” e “Engrenagens do cérebro masculino” de Simon Baron-Cohen; “Orgasmo: dez segundos de êxtase” de Jonatham Margolis; “Entre iguais” de Suzana Herculano-Houzel; “Arquitetura da diversidade” de Larry Cahill; “O corpo e a cultura” de Cláudia Vianna e Daniela Finco; “Meninos e meninas” de David Dobbs; “Na sala de aula” de Laura Battaglia Pires

Cavalcanti; “Quem mente mais?” de Ulrich Kraft; “A dança do ciúme” de Chistine R. Harris; “Intrigas e agressões” de Gerhard Roth, Monika Lück e Daniel Strüber; “O masculino e o feminino na perversão” de Leandro Alves Rodrigues dos Santos; “Desafios do tempo” de Joel Rennó Jr..

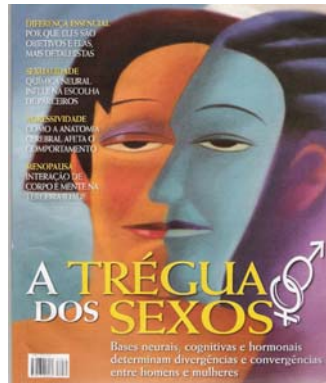


Figura 2: Imagem da capa da revista Viver Mente e Cérebro do ano de 2007.

Observou-se na edição de 2005 que dos cinco artigos publicados na revista apenas um deles tinha autoria feminina. Dentre os autores, todos eles estrangeiros, havia um médico, doutores em psicologia, bioquímica, um deles trabalha em um renomado instituto de neurociência cognitiva em uma universidade alemã e alguns também atuam como colaboradores de uma conceituada revista internacional. Foi visto que somente na descrição de um dos autores aparece a seguinte frase:

Richard, seu filho de três anos, é fascinado por automóveis, não se interessa por bonecas e faz questão de lutar todas as tardes com o papai. (HANSER, 2005, p. 36).

Esta colocação parecia respaldar o que esse autor havia escrito em seu artigo que tratava justamente de explicar que as diferenças entre homens e mulheres são desde o nascimento, não tendo nenhuma conexão com diferenças na educação de ambos.

Evidencia-se também o fato de que a única autora a ter seu artigo ali publicado tinha apenas a descrição “*é jornalista*” em sua biografia (CICERONE, 2005, p. 53). Isso demonstra o quanto no campo científico ainda existem diferenciações entre pesquisadores e pesquisadoras como se os estudos das últimas não tivessem tanto significado na área. A autora é “apenas uma jornalista” que escreveu ali sobre o trabalho de um psicólogo inglês, ou seja, um estudo produzido por um homem.

Na edição de 2007, entre autores/as e co-autores/as, dos 14 artigos publicados nove eram de autoria masculina e o restante de autoria feminina. Dentre os autores, sendo seis deles estrangeiros, havia professores de universidades brasileiras e do exterior, diretores de centros de pesquisa, jornalistas colaboradores de conceituados periódicos ingleses ou especialistas em temas da ciência, medicina e cultura, médico, psicanalista e psiquiatra. Dentre as autoras, sendo duas estrangeiras, havia professoras de universidades brasileiras e do exterior, membros de renomados institutos e neurocientista. Os/as co-autores/as eram doutorandos/as e colaboradores/as de Ligas Científicas.

Pode-se perceber que embora nesta edição existisse um número maior de artigos de autoria feminina, a maioria deles não estava diretamente relacionada a aspecto anatômicos de funcionamento cerebral de homens e mulheres, mas sim a questões como sentimentos e comportamentos.

O programa de TV Globo Repórter sobre as diferenças de gênero foi dividido em cinco blocos: “Qual é o sexo frágil, afinal?”; “Aprendendo com a natureza”; “Meninos e meninas”; “Dúvida na hora de calcular”; “Dilema para ciência”. Foram apresentadas reportagens referentes às diferenças entre homens e mulheres em que foram entrevistados vários especialistas para debaterem essa temática. Dentre esses, seis mulheres – pedagoga, neurocientista, médica neurologista, professora de medicina e biologia do sono e bióloga – e três homens – neurocientista, primatologista e médico geneticista. Todos/as atuam como pesquisadores/as em universidades brasileiras ou em institutos de pesquisa do país. No programa era colocada a pequena biografia de cada entrevistado/a e ressaltava-se o quão renomado/a este/a era naquele campo de estudo.

Podemos perceber que esta pequena biografia de cada autor/a, citada tanto na revista quanto no programa de TV, parece indicar que aquele/a pesquisador/a detêm uma certa autoridade e legitimidade sobre o assunto. Segundo Fischer (2001) há uma espécie de lei de “propriedade dos discursos”, ou seja, só alguns têm o direito de falar com autoridade sobre, neste caso, as diferenças cerebrais entre homens e mulheres. Para Foucault (2006a), ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.

## **COISAS DE MULHER E COISAS DE HOMEM: ANALISANDO AS PEDAGOGIAS CULTURAIS**

Os artigos e as reportagens analisados vêm trazendo em seus discursos as diferenças entre os sexos quanto às questões relacionadas ao funcionamento do cérebro de homens e mulheres, focando nesse órgão a origem das distinções/diferenciações entre os gêneros, como também quanto a fatores genéticos e evolutivos.

As distinções anátomofisiológicas entre o cérebro de mulheres e homens justificariam as diferenças de comportamento, aptidão, habilidades e padrões cognitivos. Nessas pedagogias, destacam-se alguns fragmentos:

A tendência nítida encontrada foi que, em geral, as mulheres são superiores aos homens em testes verbais, ao passo que estes se saem melhor nas tarefas relativas à orientação espacial. (HAUSMANN, 2005, p. 41);

O cérebro feminino é, em média, de 10 a 15% menor do que o masculino, e bem mais leve [...] o córtex cerebral feminino possui cerca de 3,5 bilhões de neurônios a menos do que o masculino. (HAUSMANN, 2005, p. 42);

[...] o típico comportamento masculino de impor-se aos demais, manifestado claramente desde a idade pré-escolar, representa apenas o produto de uma história evolutiva em que os homens disputam incessantemente as parceiras sexuais disponíveis. (HANSER, 2005, p. 35);

Homens e mulheres pensam de modo diferente? Há muito tempo os cientistas cognitivos dizem que sim. Agora, dispõem de dados biológicos também: quando se trata de dividir as tarefas entre os hemisférios esquerdo e direito do cérebro, ela faz diferente dele. (HAUSMANN, 2005, p. 43) (Segundo o autor, os homens apresentam melhor desempenho em processar informações com maior rapidez);

Sabemos, por exemplo, pela observação tanto de humanos quanto de não humanos, que os machos são mais agressivos e, quando jovens, fazem brincadeiras mais violentas que as fêmeas. (KIMURA, 2007, p. 7);

Profissões ligadas à engenharia e à metalúrgica exigem alta capacidade de sistematização, uma característica masculina. (BARON-COHEN, 2007, p.25);

Há mais de 100 mil anos, o hormônio oxitocina nos faz querer ter sexo, nos apaixonar e viver a dois. (MARGOLIS, 2007, p.34);  
Mecanismos que atuam na vida intra-uterina e na puberdade podem determinar a base das preferências sexuais. (HERCULANO-HOUZEL, 2007, p.37);  
Garotas são mais hábeis para engendrar intrigas e manipular: sua inteligência social se desenvolve antes da dos meninos.(ROTH *et al.*, 2007, p.78);  
Ele tem sono! Isso é fisiológico, tem que ser respeitado. Não adianta se sentir preterida nem rejeitada. É uma reação fisiológica, a gente tem que entender isso. O homem é diferente da mulher. (DALVA POYARES, Globo Repórter, 2007);  
Do ponto de vista genético, a mulher tem dois cromossomos X. O homem tem um cromossomo X e um cromossomo Y. O Y é um cromossomo que tem muito pouca informação genética, cerca de apenas 30 genes. Enquanto o cromossomo X tem mais de mil genes. O fato de a mulher ter dois cromossomos X dá a ela uma reserva técnica. Já o homem não tem.(SÉRGIO DANILO PENA, Globo Repórter, 2007);  
Perpetuar a espécie: para isso a natureza dá novas e maiores capacidades para a mulher quando ela tem filhos. Essa capacidade de reconhecer a localização da prole, os cheiros, nasceu lá atrás, há muitos milhões de anos. (GERALDO POSSENDORO, Globo Repórter, 2007);  
[...] o cérebro emocional da mulher parece ser mais bem equipado. Isso parece fazer com que ela tenha maior capacidade de perceber emocionalmente o sofrimento de alguém – ou a alegria e o prazer, por que não? – através das expressões faciais, só observando o rosto da pessoa, e também através do tom de voz. (GERALDO POSSENDORO, Globo Repórter, 2007);  
A guerra dos sexos já tem vencedor. Não foi o homem. Também não foi a mulher. A guerra dos sexos foi vencida pela ciência! (Globo Repórter, 2007).

Observa-se que esses discursos neurocientíficos consideram homens e mulheres biologicamente distintos e que a relação entre os sexos decorre dessa distinção (LOURO, 1998), ou seja, as diferenças entre os gêneros são consideradas como algo dado pela natureza, da essência do sujeito. Para a autora, na medida em que o conceito de gênero afirma o caráter social do feminino e do masculino, pretende-se afastar proposições essencialistas sobre os gêneros, a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo como dado *a priori*.

Um dos artigos publicados reforça a questão de que meninos e meninas são diferentes desde o nascimento relatando as experiências realizadas em escolas alternativas da Alemanha e de Israel, que tinham o objetivo de uma educação completamente unissex e, com isso, impedir o surgimento de atributos sexuais preestabelecidos. Observou-se que nessas escolas tanto meninos quanto meninas continuavam a desenvolver preferências costumeiras por brinquedos “masculinos” e “femininos”, e que as mulheres ali educadas exigiam o direito de cuidar de seus filhos em casa e resistiam ao ideal de igualdade absoluta. Segundo os pesquisadores, esta pesquisa possibilitou afirmar que as distinções comportamentais entre os sexos são determinadas por fatores biológicos não sendo completamente definidas pela educação.

As pré-escolas alternativas pretendiam derrubar os estereótipos sexuais, mas a natureza foi mais forte. (HANSER, 2005, p. 35).

Em um outro artigo, são colocadas algumas questões referentes ao diferente desempenho escolar de meninos e meninas e como a ciência e a psicologia vêm tratando dessas questões.

Alguns professores criam os próprios modelos de bom e mau aluno: caderno limpo e caprichado é coisa de menina; já material desorganizado e sujo é de menino.(CAVALCANTI, 2007, p. 64);

Nas meninas, a apatia, costuma ser interpretada como submissão; nos meninos, como desleixo.(CAVALCANTI, 2007, p. 65).

Esses estudos sugerem que o gênero encontra-se inscrito na anatomia do sujeito, numa determinada região do cérebro, pré-existindo uma normalização na conduta de meninos e meninas (MEYER, 2003). Esperando-se, então, que essas “marcas naturais” expressem a subjetividade e a identidade dos indivíduos. Ribeiro e Soares (2007) destacam que

em cada sociedade, o ser "menino" ou "menina", é transmitido às crianças desde o nascimento, pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia. Instituem-se aí, as estereotípias de gênero[...]. Meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo.

Em ambas edições desta revista de divulgação científica, aparecem artigos que destacam algumas hipóteses baseadas em estudos neurocientíficos a cerca da origem da homossexualidade.

Localizaram-nas (raízes da homossexualidade) no hipotálamo, ou seja, região cerebral que controla impulsos tão elementares como a fome e o sono.(KRAFT, 2005, p.51);

[...] a preferência sexual é determinada biologicamente e ainda no útero – o que faz da homossexualidade uma variação, já que a maioria da população é heterossexual. (HERCULANO-HOUZEL, 2007, p.38);

[...] homens e mulheres que gostam de mulheres respondem ao feromônio feminino EST; já as mulheres e os homens que se sentem atraídos por homens têm o hipotálamo sensível ao feromônio masculino AND. (HERCULANO-HOUZEL, 2007, p.40).

Esse interesse em se comprovar cientificamente uma origem biológica da homossexualidade pode ser pelo fato dessa fugir à regra normal, ou seja, da heterossexualidade concebida como “natural”. Para Louro (1998) a análise do anormal, do diferente e do outro, das culturas de minoria, aparentemente desperta um interesse muito maior. Não é possível fixar um momento que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou de gênero seja estabelecida(LOURO, 1998). As identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e passíveis de transformação. Além disso, é interessante salientar que as identidades são construídas por meio da atribuição de diferenças marcadas por relações de poder. A diferença é entendida de forma relacional, a partir do reconhecimento do “outro”, daquela ou daquele que não partilha dos atributos que possuímos. Sabemos que, na nossa sociedade, a norma estabelecida e colocada como referência com relação ao gênero, é o homem, heterossexual, branco, de classe média e cristão. Assim, aquelas ou aqueles que não compartilham dessas identidades têm sido nomeadas/os como “diferentes”<sup>5</sup>, objetos de estudo e investigação. Cabe salientar aqui que as identidades sexuais e de gênero embora estejam profundamente relacionadas, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser, também, heterossexuais, homossexuais, bissexuais.

---

<sup>5</sup> Nesse estudo, não estamos tomando diferença e desigualdade como sinônimos, pois entendemos que não necessariamente o reconhecimento da diferença produz desigualdade.

Percebe-se que esses estudos neurocientíficos sobre as diferenças sexuais vêm ganhando destaque em programas de TV, como no Globo Repórter, onde seus resultados são colocados como “verdades absolutas”.

O efeito mais forte que se conhece é o da testosterona, que é o hormônio que os bebês masculinos produzem em grande quantidade no começo da vida, já durante a gestação. A testosterona atrasa ligeiramente o desenvolvimento do lado esquerdo do cérebro, que é o que está associado à fala. É uma explicação bastante razoável para o fato de as meninas começarem a falar mais cedo. (SUZANA HERCULANO-HOUZEL, Globo Repórter, 2007);

Acredita-se que é mais fácil o homem ir à guerra porque, como ele tem o cérebro mais sistemático, classifica mais facilmente quem é o amigo e quem é o inimigo. A mulher, por ter um cérebro mais intuitivo, mais emocional, e por ter um cérebro mais empático, tem mais dificuldade nessa classificação. (MARA BEHLAU, Globo Repórter, 2007).

Para Louro (2000), os discursos científicos sugerem uma legitimidade dificilmente questionada, são formulações construídas pela linguagem biológica, marcadas pela autoridade da ciência, selo quase sempre confiável. Além disso, suas constatações são legitimadas através de testes e pesquisas, realizadas por pesquisadoras/es renomadas/os, em instituições conceituadas neste campo de estudos e publicadas em revistas de destaque na área científica.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

(Re)afirmando as diferenças entre os gêneros, tais pedagogias culturais – revistas de divulgação científica e programas de TV – fazem um investimento reinteirando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (LOURO, 2001). Contudo, a forma pela qual os gêneros são apresentados nessa rede de discursos não pode ser entendida como dotados de uma certa intencionalidade, a fim de garantir a manutenção da ordem existente nas relações entre mulheres e homens. O que esses discursos, marcados pelo determinismo biológico, pretendem é mostrar de forma naturalizada as preferências, aptidões, habilidades, e comportamentos de cada gênero, como se essas fossem características oriundas somente do corpo biológico e dadas *a priori*.

Neste sentido, este trabalho não pretende negar a existência de diferenças biológicas entre os gêneros, mas discutir e problematizar as chamadas interpretações biológicas como “invenções”, como construções históricas, portanto, humanas e contingentes, que são produzidas a partir dos “próprios fatos” já imersos em teorias, com valores já carregados de teoria (HARAWAY, 1991). Ou seja, compreender que os conhecimentos científicos produzidos sobre as diferenças entre mulheres e homens são culturalmente construídos.

### **REFERÊNCIAS**

BARON-COHEN, Simon. Engrenagens do cérebro masculino. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 22-27, edição especial 2007.

CAVALCANTI, Laura Battaglia Pires. Na sala de aula. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 62-67, edição especial 2007.



CICERONE, Paola Emilia. Os cinco sexos do cérebro. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 146, p. 52-55, mar 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Caderno Pesquisa**, nº 114, p.197-223, nov 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. São Paulo: Loyola, 2006(a).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Corpo, Escola e Identidade. **Educação e Realidade**, vol. 25, nº 2, p. 59-76, jul/nov 2000.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HANSER, Hartwig. Diferentes desde o nascimento. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 146, p. 32-39, mar 2005.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women**. London: Routledge, 1991

HAUSMANN, Markus. Questão de Simetria. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 146, p. 40-45, mar 2005.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Entre iguais. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 36-41, edição especial 2007.

KIMURA, Doreen. O poder dos hormônios. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 06-13, edição especial 2007.

KRAFT, Ulrich. O poder do feminino. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 146, p. 46-51, mar 2005.

MARGOLIS, Jonatham. Orgasmo: dez segundos de êxtase. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 28-35, edição especial 2007.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas . As identidades de gênero. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para**

o currículo escolar. Caderno Pedagógico Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 26-29.

ROTH, Gerhard; LÜCK, Monika & STRÜBER, Daniel. Intrigas e agressões. **Viver Mente & Cérebro Scientific American**, nº 10, p. 72-77, edição especial 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, nº 2, p.71-99, jul/dez 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Jon (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Um homem e uma mulher. **Globo Repórter**. Rio de Janeiro, Rede Globo, 25 de maio 2007. PROGRAMA DE TV. Disponível em: < <http://globoreporter.globo.com/globoreporter> > Acesso em: 28, maio 2007.